

CONCEPÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DOCENTE DE ACADÊMICOS E ACADÊMICAS DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Izelma de Souza Costa¹
Josinaldo Costa Rosa²

RESUMO

Este trabalho teve por finalidade conhecer o posicionamento dos graduandos e graduandas de Licenciatura em Plena em Pedagogia acerca da inserção da educação sexual na escola. Para atingir as metas estabelecidas utilizou-se da pesquisa qualitativa, e como instrumento de coleta de dados fez-se a opção pelo questionário do tipo semiaberto. De posse dos dados, ao fazer a análise dos resultados, constatou-se que ainda há o predomínio do gênero feminino na referida Licenciatura, outro dado relevante, foi o posicionamento contrário a inserção da Educação Sexual na escola por parte de um número significativo de graduandas e graduandos que consideram uma tarefa exclusivamente familiar, por consequência, gera-se uma lacuna formativa, e esta, por sua vez acarreta graves consequências para a prática docente no exercício do magistério.

Palavras-chave: Pedagogia, Formação inicial, Educação Sexual.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da disciplina Empreendedorismo na educação, desenvolvida no curso de licenciatura Plena em Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior privada, na qual, um dos trabalhos a serem desenvolvidos, em sala de aula, consistia em fazer uma pesquisa de mercado acerca de um tema para avaliar sua potencialidade enquanto empreendimento educacional na cidade de Macapá-AP.

Após avaliação sobre as carências educacionais da cidade, empreendimento selecionado para a atividade foi um instituto de Educação Sexual destinado a formação e atendimento especializado, voltado para escolas públicas e privadas, posto que, de maneira geral, ainda são escassas as informações, os recursos didáticos específicos e, sobretudo, são raríssimos os casos de profissionalização docente para a abordagem

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Macapá - FAMA, iscosta38@hotmail.com

² Graduado do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Faculdade de Macapá - FAMA, josinaldocr2013@hotmail.com



apropriada para atuar com as sérias situações que se presentificam no ambiente escolar envolvendo o conjunto de alunas e alunos nas instituições de ensino.

Neste sentido, considerou-se importante indagar a uma pequena amostra de graduandos e graduandas do curso de Pedagogia, que ainda encontram-se no transcurso da formação inicial, em uma instituição cuja matriz curricular ainda não contempla a Educação Sexual de forma problematizadora e dialógica, qual era o posicionamento e concepções deles e delas quanto à alguns aspectos relacionados a prática docente em Educação Sexual na escola. Foi a partir desta sondagem que as informações necessárias para compor este trabalho foram obtidas.

Sabe-se que o Pedagogo e a Pedagoga trabalham com um número significativo de alunos e alunas no ambiente escolar. Assim como também, já é de amplo conhecimento que é na escola que as crianças e adolescentes começam a estabelecer seus primeiros relacionamentos sociais fora do núcleo familiar. Sendo assim, seguindo esse raciocínio, os escritos de Maia (2008), os quais revelam que a Educação Sexual é um processo que permeia as relações sociais em diversas dimensões. Todavia, quando se dá por meio de instruções, aulas, configura um processo formativo que envolve o planejamento, a delimitação de tempo, espaço e preparo do professor e da professora. É portanto, neste sentido que se deve disponibilizar informações claras, contextualizadas com a idade, ambiente social, linguagem do público escolar que se sugere a oferta da Educação Sexual as e aos discentes como uma medida de apropriação de conhecimentos sobre o próprio corpo, sobre a manutenção da saúde sexual, o planejamento familiar, as formas de preconceitos e estigmas sexuais, além de fornecer informações de previnam as formas de violências sexuais contra meninos e meninas em idade escolar.

Todavia, por razões diversas que envolvem desde preconceitos histórico culturais enraizados na individualidade dos e das docentes à políticas públicas de Estado apropriadas que contemplem o reconhecimento a diversidade sexual e das formas de vivenciar a sexualidade de maneira segura como um direito humano, o que se verifica no dia a dia das escolas, é que as situações relacionadas a essa questão são tratadas como não prioritárias, embora os conflitos decorrentes delas decorrentes sejam frequentes, principalmente, devido à ausência de informações adequadas.

Somando-se a isso, há um déficit na formação docente que inviabiliza a prática educativa com a finalidade de promover a Educação Sexual no cenário escolar, e essa



lacuna existe desde a formação inicial e perdura durante o exercício do magistério nos níveis e modalidades de ensino, já que também são visíveis as pouquíssimas notícias de formação continuada em Educação Sexual. De acordo com Figueiró (2010), isto se deve a ao não reconhecimento da vivencia da sexualidade de maneira emancipatória e sobretudo, cidadã.

Desta maneira, entende-se que é relevante propor, ainda nos cursos de formação inicial, momentos de reflexão sobre o papel da Pedagoga e do Pedagogo, professor e da professora, e também dos e das demais profissionais da educação como um todo que constitui a instituição escola, frente as questões da sexualidade vivenciadas e manifestadas na escola pelos alunos.

Segundo Muller (2013), a medida em que o indivíduo avança no desenvolvimento biopsíquicosocial, aumentam também suas necessidades de reflexão em relação as angustias, dúvidas e anseios decorrentes da auto sexualidade, sejam elas brandas ou complexas. Pois ele ou ela começa a experienciar as situações com o outro e consigo mesmo, sendo necessário, portanto, que os professores e professoras estejam instruídos para que possam auxiliar os alunos e alunas no refinamento de suas habilidades para que possam experimentar com autonomia e liberdade a sexualidade e a vida em sua sociedade sem sentir-se diminuído ou estigmatizado nos grupos sociais que frequenta em função de pontos específicos da própria sexualidade.

METODOLOGIA

Nste trabalho optou-se pela pesquisa de natureza qualitativa, porque de acordo com Goodoy (1995), ela oferece muitas possibilidades nos estudos dos fenômenos humanos e suas relações sociais nos diversos ambientes. Para a coleta de dados, utilizou-se dez questionários do tipo semi aberto, visto que o questionário pode ser entendido como um “conjunto de questões” (GIL, 2008. p. 121), do qual se podem extrair entre concepções e valores entre outras possibilidade de obtenção de informações foi realizado com dez graduandos e graduandas com idade entre 17 e 47 anos, sendo 8 mulheres e 2



homens, do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia de uma instituição de ensino superior privada, localizada na cidade Macapá, estado do Amapá.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados aqui apresentados retratam uma pequena amostra sobre a formação docente em Educação Sexual de apenas uma licenciatura, contudo são relevantes por demonstrar que mesmo em um grupo pequeno de estudantes de uma licenciatura com amplo número de graduandos e graduandas, foi possível constatar fatos relevantes sobre o processo de formação inicial dos futuros e futuras docentes que atuarão na educação, quer seja em sala de aula, quer seja como técnico escolar.

Participantes

Na tabela abaixo, estão descritas as informações sobre os e as participantes que são importantes nas reflexões e discussões que perpassam por temas decorrentes dos processos de Educação Sexual nos espaços escolares.

Tabela 01, descreve dados relevantes sobre o perfil dos participantes.

Número de participantes	10
idade	17 à 25 anos (5) 35 à 45 anos (2) 26 à 35 anos (2) Acima de 45anos (1)
Gênero	Masculino (2) Femenino (8) Outro (0)

Fonte: Elaboração própria

Ao se observar a tabela 1, constatata-se que, de dez participantes, apenas dois se declararam pertencentes ao gênero masculino, as demais participantes são do gênero feminino. Este dado é importante sob o olhar da Educação Sexual, porque revela que ainda existe a predominância do gênero feminino no curso de Pedagogia. Em outras palavras, significa afirmar, que na prática, apesar dos esforços e da ampla discussão a



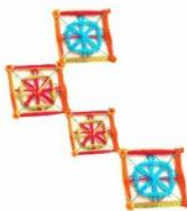
educação ainda possui características marcantes da divisão sexual do trabalho, que por sua vez, “é a forma de divisão do trabalho social decorrente das outras relações sociais do trabalho entre os sexos” (Hirata; Kergoat 2007.p. 599), na qual a mulher fica com trabalhos que embora não sejam exercidos exatamente dentro do lar, são trabalhos que exigem “cuidados” que se assemelham ou são subentendidos como uma espécie de extensão dos cuidados domésticos, sendo portanto caracterizados “trabalhos femininos”.

É sob esta visão que a formação docente para a Educação Infantil e para as séries iniciais do Ensino Fundamental continua sendo vista essencialmente como um trabalho feminino, conseqüentemente, esta ainda é uma licenciatura com predomínio de mulheres. O que na prática, é facilmente observado, visto que quando surgem vagas para estágio nesta área, normalmente, elas vem com especificações documentadas na vaga, apenas para mulheres.

Outro dado muito relevante revelado neste trabalho foi a posição das acadêmicas e dos acadêmicos acerca do papel da escola em relação a Educação Sexual na Educação. Por isso, sondou-se junto a estas e estes, se elas e eles consideravam ser papel da escola planejar e executar atividades de Educação Sexual na escola abraçando temas que incluíssem as questões de gênero, homofobia, saúde sexual dos alunos e alunas, além de englobar orientações para a vivência da sexualidade de forma saudável e sem preconceitos.

Os resultados apontam que para 6 dos e das participantes não é papel da escola este tipo de trabalho. Para este grupo de graduandos e graduandas, em processo de formação inicial, o papel de discutir esses temas é exclusivamente da família, e que a escola não pode interferir nos valores que a família. Em contrapartida a esse pensamento, Louro (2001) afirma que essa é das uma das mentiras mais antigas que circundam na escola. Para a autora, a escola sempre foi vigilante e continua lançando severa vigilância sobre a sexualidade dos alunos e alunas. E tal fato, pode ser constatado em qualquer momento, pois a todo instante, a escola vigia, classifica e, por diversas vezes, impõe medidas de controle da sexualidade dos alunos e das alunas como forma de “educá-los sexualmente”.

Já para 4 dos acadêmicos e acadêmicas este é um trabalho que deve ser efetuado na escola como uma alternativa para auxiliar na diminuição das desinformações dos alunos que não tem este tipo de esclarecimento dentro da própria família. É válido destacar o



ambiente escolar como um espaço privilegiado para a da problematização e diálogo sobre as formas de Educação Sexual junto a comunidade escolar e, sobretudo, ao alunado, já que estes encontram-se entre pares, e estão no espaço de construção de conhecimento, de socialização de valores, identidades, personalidades. Sendo assim, com ou sem Educação Sexual planejada e incorporada ao Projeto Político da escola, o ambiente escolar é um espaço de construção da sexualidade e de suas subjetividades.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que é indiscutível, que a escola possui recursos técnicos e didáticos para fomentar as propostas de Educação Sexual. No entanto, é preciso também garantir que os docentes sejam qualificados para usar os recursos e instrumentos educacionais de forma apropriada com as finalidades e as possibilidades que a educação formal e institucionalizada oferece.

Considerando que o processo de formação inicial deve também instrumentalizar o futuro docente para utilizar recursos didáticos apropriados no trabalho docente averiguou-se também se os e as participantes tinham conhecimento da existência de algum material didático para o professor ou a professora trabalhar essas informações em sala de aula com seus alunos. Os resultados mostraram que, de forma unanime, todos e todas os e as participantes informaram desconhecer a existência de qualquer material destinado a está finalidade na escola.

Este dado reforça o fato de que são raros os recursos didáticos para garantia de progresso da Educação sexual nas escola. Ainda assim, é possível afirmar que se pode encontrar bonecos sexualizados e assexualizados em lojas físicas ou virtuais, ou ainda, livros e cartilhas de autores que se dedicam ao combate do abuso sexual infantil, inclusive alguns com download gratuito.

Questionou-se também se até o momento os graduandos e as graduandas já haviam abordado os temas em questão em alguma disciplina específica, e se consideravam essa discussão importante no processo de formação inicial do licenciado em pedagogia. Com os dados obtidos mais uma vez foi confirmada a ideia de que, embora seja uma discussão relevante, não cabe a escola porque tais discussões podem se contrapor com a posição da família ou com os valores religiosos dos alunos em relação aos temas apresentados pelo professor em sala de aula.

Também sondou-se o interesse dos acadêmicos edas acadêmicas em investir algum valor financeiro para participar de um curso ou oficina em Educação Sexual que lhe



oportunizasse ter contato com leituras, técnicas, recursos específicos para auxiliar o desenvolvimento de atividades com finalidades de executar atividades em Educação Sexual na escola.

Um quantitativo de apenas 4 participantes demonstrou interesse em obter formação específica para trabalhar com as questões da Educação Sexual na escola. Já em maior quantidade o grupo de 6 dos acadêmicos e acadêmicas revelaram não ter interesse neste tipo de formação, uma vez que de acordo com eles e elas estes assuntos não fazem parte do currículo de todas as disciplinas escolares. Mas sim, apenas de algumas específicas, então uma formação específica deve ser voltada para aqueles e aquelas que têm interesse em trabalhar exatamente com Educação Sexual. Além do mais, os e as participantes alegaram que na Educação Infantil ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental os alunos e alunas são muito pequenos e pequenas, sendo portanto, desnecessária uma formação específica para desenvolver estes temas com as crianças.

Nítidamente percebe-se que a falta de uma disciplina, um módulo ou de uma proposta de Educação Sexual na matriz curricular da Licenciatura em Pedagogia ou ousadamente afirmando, nas Licenciaturas em geral faz falta no próprio processo de formação inicial. Visto que destes cursos saem os e as profissionais da educação, logo esta lacuna formativa inicial resulta em um trabalho docente incapaz de absorver e responder as indagações e inquietações que os alunos e alunas apresentam no cotidiano escolar e que normalmente os professores e as professoras não sabem como lidar ou se quer sabem onde buscar auxílio.

É portanto na tentativa de aclarar as dúvidas, recios e até mesmo o desconhecimento deste ramo de ensino que dos acadêmicos e acadêmicas em processo de formação docente devem ter contato com literaturas, manuais, guias de orientações e cartilhas referentes à Educação Sexual, preferencialmente, na vertente emancipatória para buscar o resgate do gênero, o respeito a todo tipo de diversidade que visa o alcançar os direitos sexuais, reprodutivos a saúde sexual figueiró (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim desta breve análise fica evidenciado que ainda existe a predominância do gênero feminino na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental,



consequentemente, em Licenciaturas como a Pedagogia nota-se que também há o predomínio do referido gênero. Contudo, este dado revela também, como o Patriarcado exerce seu poder na educação e para conseguir se reproduzir e assim manter a estrutura social na qual a mulher fica nas posições de menos destaque social ou naquelas que exigem “cuidados” especiais como uma espécie de extensão doméstica, e fatalmente, menos valor financeiro no mercado de trabalho.

A falta de discussão ou até mesmo contato com leituras que perpassem pela Educação Sexual deixa lacunas formativas imensas nos acadêmicos e acadêmicas, e no futuro, estes vazios formativos serão determinantes na prática pedagógica do e da docente quanto a execução deste tema na escola.

Outra grave consequência do que aqui está se denominando de lacuna formativa em Educação Sexual é a posição das acadêmicas e dos acadêmicos é o posicionamento destas e destes em relação a inserção de temas relacionados a sexualidade de forma direta ou indireta como parte das atividades escolares. Visto que mesmo estando no Ensino superior, os e as discentes carregam concepções pautadas no senso comum, sem criticidade ou ainda, sem correlação entre a realidade dos fatos como o abuso sexual, gravidez precoce, bullying e estgmas que funcionam como marcadores sociais da sexualidade no ambiente escolar, e para os quais são necessários processos sólidos e permanentes de formação em Educação sexual.

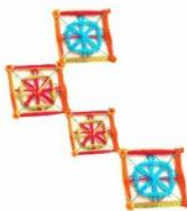
Sendo assim, entende-se que é urgente que as matrizes curriculares da Licenciatura Plena em Pedagogia, assim como as demais licenciaturas, contemplem disciplinas acadêmicas que promovam o conhecimento dos conceitos e processos que propiciam a compreensão das Educação Sexual na escola seja uma prática permanente como garantia dos direitos sexuais como direitos humanos de cada pessoa.

REFERÊNCIAS

MAIA, A. C. B. A Educação Sexual Repressiva: Padrões Definidores de Normalidade. Sexualidade, diversidade e culturas Escolares. Contribuições Ibero-America para Estudos de Educação, Gênero e Valores. Série Temas em educação V.9, P. 67-83, 2008.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa social. 6ª ed. Atlas, são Paulo, 2008.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. Recista de Administração de Empresas. V.35, n.3, p 20-29, 1995.



FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: Retomando uma Proposta um Desafio. 3ª ed. Rev. E atual.- Londrina: Eduel, 2010.

HIRATA, H. KERGOAT.D. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho C. R. *et al.* Inclusão e Escolarização: Múltiplas Perspectivas. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MULLER, L. Educação Sexual em 8 lições: Como orientar da infância à adolescência: Um guia para professores e pais 2ª ed. São Paulo. Academia do Livro, 2013.

LOURO, G.L. Currículo, Gênero e sexualidade. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto- Portugal. Porto editora, 2000.